

ROCHA PEIXOTO

A Terra Portugueza

(CHRONICAS SCIENTIFICAS)



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES
—
1887

ROCHA PEIXOTO

A Terra Portugueza

(CHRONICAS SCIENTIFICAS)



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES

1897

V

O BICHO DA SEDA

Talvez que dois terços da população d'este paiz ignorem que uma das causas mais deploraveis da sua ruina economica, principalmente n'uma vasta e importante provincia, foi a decadencia, aparentemente quasi irreparavel, da industria sericola portugueza. No quadro das nossas industrias ruraes esta foi duas vezes uma das mais lucrativas, se não talvez, pelas excepçoes condições de realisação, a que mais patente desafogo trouxe, por largo tempo, a certas populações agricolas. Por um lado a protecção real e efficaz do poder central, evidenciada, não em platonismos de favor, mas em authentica e desvelada ajuda, por outro as facilidades da cria e vantagens remuneradoras não equaladas em explorações similares, levaram a sericultura a

atingir um grau de subido desenvolvimento, até então e até hoje ainda não excedido.

Mas a industria da seda é dos ramos agricolas aquelle que em toda a Europa tem passado por maior numero de revezes, de desastres inteiramente assoladores, de calamidades intensas e profundas. E entre nós, ou desprevenidos ou ignorantes, ora ineptos ora desconfiados, nem os decretos e as fabricas-modelos, nem o furor desvairado dos lucros, valeram á industria quando se antolhou moribunda, falta de preceitos, falta de exemplo, falta de discreta previdencia. Já Pasteur diagnosticara os males do bicho da seda, havia annos, e muitos dos senhores deveriam ter ouvido dizer em Traz-os-Montes que o estrangeiro, quando abarrotado dos milhões de casulo que ahi comprara a peso de oiro, viera uma ultima vez e envenenara as sirgarias!

Pois se nenhuma industria rural foi tão prospera, entre nós, como a da seda, forçoso é confessar que tam pouco nenhuma lograra do estado maior somma de auxilio e de carinho. Discutíveis, decerto, serão alguns dos preceitos que a nossa legislação antiga comporta e desejar-se-hia mesmo que as precauções de que a iniciativa individual se não armou fossem preventivamente tomadas por quem d'alto presidia a taes destinos. No entretanto, á hora que é, em paiz onde muita

industria agricola mal esboça e outras nem passaram sequer além da nossa esphera, dos theoreticos, necessario é accusar o facto dito, tão rara é, no mando, a protecção ao trabalho nacional.

Recentemente não sobejam ainda grandes motivos para jubilo; sem contar os estudos de Ferreira Lapa, Gaspar Gomes e Villa Maior, os relatorios posteriores de agronomos distinctos como os snrs. Carlos Le Cocq, Pereira Coutinho, e, ultimamente, a calorosa e benemerita memoria do snr. Menezês Pimentel, sendo trabalhos de excellente e elogiavel intenção e competencia, não alcançaram completamente, da banda dos governos, o que afinal requer a situação: dinheiro para final installação da sirgaria central productora de sementes sãs, e seguidamente para ensino e para uma larga propaganda.

Ahi pelos principios do seculo VIII trouxeram os arabes ás Hespanhas as primeiras sementes do bicho da seda, succedendo talvez á sua introducção em Cordova e Granada os primeiros ensaios no paiz. Teve successo, ao que parece, embora restricto, a experiencia entre nós iniciada; um foral de D. Sancho II mandava que não sahisses de certo couto as folhas das amoreiras com que se alimentavam os bombycites; a Affonso V representaram

uma vez que se ordenasse a plantação da amoreira em todo o reino, tal era o estímulo produzido pela expansão serigena granadina. Mas, absorvidos então nas navegações e descobertas, toda essa nossa historia de aventura e pirataria, do desenvolvimento da industria sericola nacional não houve rumôr por largos annos.

Em tempo de D. Pedro II, o conde da Ericeira, então ministro, iniciou um impulso forte e audaz, determinando a plantação da amoreira, mandando vir peritos italianos no preparo e torse e estabelecendo em Lisboa a primeira fabrica de sedas. Por essa epoca, publicou-se (1679) um pequeno tratado sobre a creação do lepidoptero; e do paiz que, com a Hespanha, produzia e manufacturava sedas quando no resto da Europa mal se sabia ainda a arte, começaram a conhecer-se os seus magnificos velludos, setjns e gorgorões e a serem procuradas as nossas télas, organsins e tafetás, os quaes, não rivalisando com os dos kalfados de Granada e Cordova, eram todavia executados com primôr.

Mas veio D. João V e tanto esforço foi a terra. Liquidara a fabrica fundada por D. Luiz de Menezes, o dito conde, e um francez, Godin, tratou de organizar uma companhia que, estabelecendo uma fabrica na Fonte Santa, depois a mudou para S. Bento e depois para

o Rato. Administração pessima: lá teve o governo que a tomar á sua conta.

O marquez de Pombal foi quem proseguiu na obra de Ericeira. Á Real Fabrica destinou elle tres mil pés de amoreira branca; do Piemonte mandou vir as sementes e com ellas homens do *métier*; os filatorios multiplicaram-se; fizeram-se regulamentos; concederam-se privilegios; instituiu-se a direcção geral das fabricas de seda do reino; de terra em terra não cessavam praticos experimentados de irem vigiando e dando conselho, indicando superiormente, a par e passo, as alterações a fazer na legislação, no sentido progressivo da industria e do seu commercio. Assim alcançou Traz-os-Montes, a nossa região serigena por excellencia, o desenvolvimento que já pouco depois, em tempos de D. Maria I, começava a declinar. A fabrica de Chacim e os filatorios de Lebução, S. Fins, Valle Passos, Villarelhos e outros mais iniciaram-se, mas, a breve trecho, com insuccessos; vinte annos bastam para de Chacim haver uma ruina; ao Rato, o mesmo destino; Santo Antonio da Castanheira e Porto, tentativas, respectivamente, do conde Farrobo e do barão de Nova Cintra, são dois elogiaveis empreendimentos sem maior exito. A manufactura da seda estava extincta e, quem sabe, talvez, se para sempre!

Ora succedeu por esse tempo que as siriarias francezas iam perdendo desmesuradamente o seu esplendor. Os industriaes de França, não podendo sustentar a producção consideravel de seda, mercê da doença que então começava a revelar-se, principiaram a mandar bater todos os centros sericolos estrangeiros. Em Traz-os-Montes e na Beira Alta a procura activou a cultura e a ponto tal que, só n'um anno (1860), a semente produzida excedeu 1:600 kilogrammas. Com a qualidade ninguem se preocupava: olhava-se só á quantidade. O casulo, que se vendera a 180 réis o arratel, sobe a 300. Nas feiras de Moncorvo, Mirandella, Azinhoso e outras vendem-se os casulos aos milhares de arrateis; o que custava d'antes 1\$200 réis passa a valer 3\$000, e este o de terceira qualidade, que o de primeira sobe a libra.

Mas já em 1863 se denuncia a doença no sirgo; a febre da producção faz que o numero dos bichos da seda cresça n'uma extraordinaria desproporção com o alimento; nem ar, nem luz, nem espaço, nem asseio, nem cuidada e prudente selecção dos reproductores. Tres annos mais tarde o descredito chega a França e o preço baixa, n'uma epoca, pouco mais ou menos, em que o valor da semente e do casulo produzidos em Bragança, Guarda

e Vizeu attinge ainda 1:400 contos de réis. Dado o rebate, o governo e todas as corporações administrativas deliberam, mas já tardiamente, vir em auxilio da terrível agonia. As juntas geraes realisam enormes compras de amoreiras, distribuindo-as seguidamente pelas camaras municipaes; começa a plantação nos baldios, nas praças publicas, á beira das estradas, mesmo. O governo decreta a exposição de sericultura no Palacio de Crystal, em 1866, mas já algumas dezenas de concelhos, alguns dos mais productores, se não acham representados. Em 1869, passado um anno que Pasteur encontrara no sirgo portuguez o germen das suas molestias, o governo decreta outra exposição, á qual districtos como Villa Real e Bragança não concorrem já. Em 1872 a molestia accusa-se com verdadeira intensidade para tres annos depois, em todos os centros de producção do paiz, falhar a maioria das creações. Foi o inicio da ruina da provincia; á molestia do sirgo succedeu o mal dos castanheiros, depois o mal da vinha, em seguida o mal da oliveira, por fim o exodo: era a ruina da região precedendo a perdição da patria!

Agora os relatorios. O estudo da nosologia do bombycite portuguez mostrou que as epizootias dizimantes eram a pebrina e a fla-

cidez, já anteriormente diagnosticadas nas sirgarias estrangeiras e por descuidos cujo exemplo o sericultor de cá não soubera ou quizera ter em conta. A exaggerada multiplicação em meio improprio, o consequente enfraquecimento da raça, abastardada por tão intensiva producção, conduziriam necessariamente a uma aptidão aos morbos a que a notavel rusticidade do bicho da seda indigena não podia por mais tempo resistir. Annos e annos as molestias se accusaram antes da ruína, sem que a seleccionação da semente se fizesse para impedir d'est'arte a herança da infecção. Generalisado o germen, evidente era o desastre que se viu.

Ora a regeneração da rica industria rural quasi perdida, sendo necessária, é possivel e viavel. As condições do clima e solo não se alteraram; o que ha pois a fazer? Evitar a hereditariedade dos morbos pela selecção das sementes do nosso bicho, fazendo-o regressar da civilisação que o acabou ao primitivo estado rustico. As suas qualidades são excellentes e tantas que já de ha muito o sericultor francez cuida da educação do bicho do aylantho e dos carvalhos do Japão e da China, desanimado por tanto insuccesso amargurado, e nós ainda agora possuímos, cantonados, grupos de sirgos immunes. Só em dois districtos transmontanos ha 54:000 amoreiras

ainda hoje, numero este capaz de alimentar cerca de 6:000 onças de semente e á vontade.

Mas não é isto facil de fazer, naturalmente. A montagem da sirgaria central para a producção da semente pura, o material vasto e relativamente caro, a enormissima quantidade de casulo que era forçoso conseguir, cabem certamente ao estado e não á pobre gente que ainda pela provincia se conserva na mais desolante das miserias, bicho extinto, cèlleiro vazio, a vinha morta!

Obtidas as sementes sãs, era distribuirl-as devidamente, fiscalizando depois a hygiene e tracto das sirgarias, ensinando processos, obstando ao alastramento das doenças que se accusassem, evitando fraudes, punindo reincidencias. Escolas moveis de sericultura, privilegios a corporações, subsidios a sociedades, exposições e recompensas, a arte e a industria ensinadas nas escolas primarias das regiões sericolas, ahi está a ementa d'um plano. ¹

Para qualquer deliberação ácerca da ajuda do poder central e dispensada á cultura do nosso bombyx, tem o governo, entre outros,

¹ Posteriormente á publicação d'este folhetim foi dotada a Estação de Sericultura de Mirandella com verbas que efficazmente auxiliaram o desenvolvimento dos trabalhos iniciaes, em breve compensados pelos resultados obtidos, principalmente no districto de Bragança.

o projecto já assignalado do snr. Menezes Pimentel, cuja base é a observação directa, paciente e demorada do estado actual da questão, nos seus multiplices pontos de vista sericola, nosologico e seritechnico, não esquecendo o que de dramatico envolve a emocionante historia do desastre. Difficilmente se alcançará um projecto mais exequivel, mais pratico e mais economico, como raro será attender-se, do mesmo passo, aos varios aspectos da crise que flagella principalmente a provincia transmontana, reatando uma industria que, sem capital inicial, vae fixar á terra os restos de população que a povôam ainda, ou na indecisão da fuga ou na resignação da fome.

A rehabilitação economica d'este paiz, que necessariamente se deverá fazer parcellarmente, é uma grande obra para que se carece, já agora, de grandes homens; vêr lucido, vêr justo e ir a direito é o que precisa quem se decidir, convencido, a salvar um paiz pela utilização de tudo quanto d'um solo rico e clima doce ha a colher. Dos materiaes para tal obra, a regeneração da sericultura é opportuna; e se agora vae a cabo muitos deverão, como entusiasticamente diz o relator do projecto referido, ir « prestar a justa homenagem de gratidão ao grande patriota que tal beneficio conseguir realisar. »

INDICE

	Pag.
EXPLICAÇÃO PREVIA	5
I. A tatuagem em Portugal.	11
II. Ensino tecnico.	21
III. Passeios geologicos.	31
IV. O Bragança.	39
V. O bicho da seda.	49
VI. Antiguidades nacionaes.	59
VII. As Maias.	75
VIII. Um curso livre.	87
IX. Flora extincta.	99
X. O S. João.	109
XI. Livros d'aula.	123
XII. A inspecção militar e a anthropologia.	135
XIII. Os marmores de Vimioso.	145
XIV. Os ciganos de Portugal.	155
XV. As dunas.	167
XVI. O principe de Monaco.	179
XVII. As ostras.	189
XVIII. O museu da Restauração.	201
XIX. Carvão e ferro.	213
XX. A piscicultura em Portugal.	225
XXI. O Natal.	239
XXII. O vinho.	249
XXIII. As colonias e a opinião nacional.	261
XXIV. Ir p'ros estudos.	271
XXV. As abelhas.	283
XXVI. O cruel e triste fado.	293

LIVRARIA CHARDRON de Lello & Irmão

98, CLERIGOS, 98

Silva Pinto		Guilomar Torrezão	
De palanque, annotações à vida portugueza con- temporanea, 1 vol.	600	Pizicatos, a sahir do prelo.	
No Brazil, 1 vol.	500	Abbate de Prevost	
Os jesuitas, 1 vol.	200	Manon Lescaut, 1 vol.	500
A' hora da lucta.	400	Bernardim Ribeiro	
Alfredo Mesquita		Menina e moça, 1 vol.	500
De cara alegre.	500	Bernardin de Saint-Pierre	
Teixeira Bastos		Paulo e Virginia, 1 vol. ...	300
A crise, 1 vol.	700	Casimiro d'Abreu	
Rumores vulcanicos, 1 vol.	500	Primaveras, 1 vol.	500
Theophilo Braga e a sua obra, 1 vol.	700	Renan	
Poetas brazileiros, 1 vol. .	400	Vida de Jesus, 1 vol.	600
Interesses nacionaes, a sa- hir do prelo.		Apostolos, 1 vol.	600
Julio Brandão		José P. Sampaio (Bruno)	
Pharmacia Pires, 1 vol. .	500	Notas do exílio, 1 vol. ...	600
Theophilo Braga		João Chagas	
As lendas christãs, 1 vol. .	700	Diário d'um condemnado politico, 1 vol.	500
Camões e o sentimentalis- mo nacional, 1 vol.	600	João Barreira	
Modernas ideias da litte- ratura portugueza, 2 vol.	1\$500	Estudos e phantasias, 1 v. em papel de linho na- cional com um <i>fusain</i> de Cellini.	700
Visão dos tempos, (epopéa da humanidade), obras poeticas completas, 4 v.	2\$400	Luiz de Magalhães	
Patria portugueza, 1 vol. .	600	Brazileiro Soares, 1 vol. .	700
Historia da litteratura por- tugueza: Introducção á historia da litteratura, 1 vol.	700	Arnaldo Gama	
Sá de Miranda, e a escola italiana, 1 vol.	700	Caldeira de Pero Botelho, 1 vol.	500
Bernardim Ribeiro, 1 vol.	700	Honra ou loucura, 1 vol. .	500
Gil Vicente, a sahir do prelo.		Filho do Baldaia, 1 vol. ...	600
In Memoriam — Anthero de Quental (homenagem dos seus amigos), 1 vol. em papel de algodão. . .	2\$000	Alexandre Dumas	
em papel de linho.	3\$000	A dama das camelias, 1 v.	400
		Ramalho Ortigão	
		John Bull, 1 vol.	600